

# VÁRIA ESCRITA

SINTRA

1997

N.º 4

## SUMÁRIO

EDITE ESTRELA, DISCURSO DE ABERTURA DO «COLÓQUIO INTERNACIONAL EÇA DE QUEIROZ — 150 ANOS DO NASCIMENTO». MARIA DA GRAÇA SALEMA DE CASTRO, DISCURSO DE ABERTURA DO «COLÓQUIO INTERNACIONAL EÇA DE QUEIROZ — 150 ANOS DO NASCIMENTO». ISABEL PIRES DE LIMA, A FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ — DESENHO DE UM PERCURSO. ÓSCAR LOPES, O SONHO NA FICÇÃO QUEIROSIANA. MARIA HELENA SANTANA, GERAÇÃO DE 70: A CONSTRUÇÃO INTERNA DA MEMÓRIA. A. CAMPOS MATOS, ESTRATAGEMAS QUEIROZIANOS. ALEXANDRE PINHEIRO TORRES, DON JUANISMO, DANDISMO OU PSEUDO-DANDISMO, RASTACUERISMO OU PINTALEGRISMO DE ALGUMAS PERSONAGENS DE EÇA DE QUEIRÓS. BEATRIZ BERRINI, SER OU NÃO SER FRADIQUE MENDES. ANNABELA RITA, RELENDO EÇA. DENOVO, «CIVILIZAÇÃO». ISABEL PIRES DE LIMA, A ERÓTICA DO OLHAR EM EÇA — *ALVES E C.* —. MARIA LÚCIA LEPECKI, SENSORIALIDADE, SENSUALIDADE E CORPO EM *OS MAIAS*. ELENA LOSADA SOLER, A MOEDA FEMININA: A FUNÇÃO DO VESTIDO EM *O PRIMO BASÍLIO*. HELENA CARVALHÃO BUESCU, DESCRIÇÃO, IRONIA E INDECIBILIDADE: «A RELÍQUIA». ORLANDO GROSSEGESSE, A SANTIDADE COMO PROBLEMA DISCURSIVO. DE *A RELÍQUIA* ÀS *LENDAS DE SANTOS*. HELENA CIDADE MOURA, EÇA DE QUEIROZ. O CAMINHO A PARTIR DA ESTRADA DE SINTRA — A LUTA PELA EXPRESSÃO-COMUNICAÇÃO. MARIA JOÃO SIMÕES, POSITIVISMO E RELATIVISMO — UMA INCOMPATIBILIDADE? LUCCETE PETIT, LE CORPS IMAGINAIRE DU VOYAGE. MARIA DE FÁTIMA MARINHO, RELEER UM MITO (A PROPÓSITO DO CONTO *A PERFEIÇÃO*). LUIZ FAGUNDES DUARTE, CENSURA E AUTO-CENSURA NOS MANUSCRITOS DE EÇA DE QUEIROZ. CARLOS REIS, PARA A EDIÇÃO CRÍTICA *D'O CRIME DO PADRE AMARO*. FRANK F. SOUSA, DA ERRÂNCIA COMO ATITUDE ESTÉTICA DO ÚLTIMO EÇA. MARIE-HÉLÈNE PIWNIK, DEUX FAUX-JUMEAUX: GONÇALO MENDES RAMIRES ET ANDRÉ CAVALEIRO. LAURA FERNANDA BULGER, A HISTÓRIA DAS PERSONAGENS E AS PERSONAGENS DA HISTÓRIA — DE EÇA A AGUSTINA. ELZA MINÉ, O SUPLEMENTO LITERÁRIO DA *GAZETA DE NOTÍCIAS*: UM PROJECTO DE EÇA PARA O BRASIL. DANIEL-HENRI PAGEAUX, DAS PRIMEIRAS CRÓNICAS AO UNIVERSO DO ROMANCE: ALGUMAS PERSPECTIVAS DA CRIAÇÃO QUEIROSIANA. ÁLVARO MANUEL MACHADO, SINTRA REVISITADA: TOPOLOGIA E POÉTICA DA DECADÊNCIA EM EÇA DE QUEIRÓS. MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO, NOTAS DE PROGRAMA.



## POSITIVISMO E RELATIVISMO — UMA INCOMPATIBILIDADE?

MARIA JOÃO SIMÕES  
(Universidade de Coimbra)

Artur Covelo quando estuda em Coimbra fica completamente embevecido com o ambiente estudantil, e, fazendo jus à admiração que vota a alguns companheiros mais velhos, extasia-se perante o calor das discussões que rodeia a produção do «jornalzinho *O Pensamento* [para onde se tinham precipitado] não só todos os amigos do Damião que se nutriam de Michelet, Quinet, (...) mas também o grupo do Cesário que, num progresso revolucionário e científico, já devorava Proudhon, Auguste Comte, Littré, Vacherot, Stuart Mill e Spencer (...). A esta vaga associação de fanatismos chamava-se em Coimbra — os *Filósofos* ou também os *Ateus* (...) E Artur sentiu os olhos hu-medecerem-se-lhe de entusiasmo quando pela primeira vez (...) ouviu vozes fanáticas discutirem em estilo de ode, a Arte, as Reli-giões, o Panteísmo, O Positivismo, a estupidez dos lentes, o Ser, o Ramayana, o Messianismo germânico, A Revolução de 89, Mozart e o Absoluto.» (*A Capital!*, 1992: 103).

Também Carlos da Maia, numa posição de superioridade bem diferente da de Artur, ao ser instalado com todo o luxo em Coimbra para fazer o seu curso, se, no início, suscita a desconfiança dos democratas, logo consegue apagar esta desconfiança «quando se soube que o dono destes confortos lia Proudhon, Augusto Comte, Herbert Spencer» e logo os Paços de Celas se tornaram «uma fornalha de actividades (...) — havia ruidosos e ardentes cavacos, em que a Democracia, a Arte, o Positivismo, O Realismo, o Papado, Bismarck,

o Amor, Hugo e a Evolução, tudo (...) flamejava no fumo do tabaco» (*Os Maias*, cap. III).

Evidentemente que nos encontramos aqui no plano da ficção com todo um rol de personagens queirosianas que se movem em ambientes de efervescência intelectual; mas, sem esquecermos a devida distância implicada na representação literária, é possível descortinar, por detrás e para além destas referências, a vontade de querer representar toda uma envolvência cultural que marcou uma determinada época que Eça também viveu e que, de certa forma, transpõe para as suas personagens.

Nesse ambiente cultural, com maior ou menor flutuação, pontuam o positivismo e a sua relação com o cientismo.

Vulgarmente entende-se por «Positivismo» um conjunto de ideias e métodos considerados como um bloco monolítico. O que é que acontece, porém, quando nos interrogamos sobre os pensadores e as ideias que configuram o pensamento positivista?

Se se procurar, por exemplo, uma definição e explicação rápida de positivismo muitas vezes encontramos a indicação de um sentido mais lato e um sentido mais restrito para este termo. Positivismo, num sentido mais restrito, aponta normalmente para a teorização elaborada por Comte, e normalmente são estudiosos franceses que limitam o positivismo à teorização comtiana. Neste aspecto é significativa a obra de Angèle Kremer-Marietti intitulada *Le Positivisme*, onde a autora apenas trabalha Comte. Mesmo quando se trata de realizar uma entrada sobre Positivismo para uma obra de carácter tão genérico e englobante como a *Encyclopædia Universalis*, esta autora reduz o Positivismo à teorização de Comte, não podendo, porém, deixar de referir o seu antecessor Saint-Simon (o primeiro, aliás, a utilizar o conceito) e os seus mais directos discípulos Lafitte e Littré. A referência a outros autores é vista como uma extensão e resume-se à referência nominal: «À partir du positivisme primitif, on peut étendre le terme positivisme aux doctrines de John Stuart Mill, Littré, Goblot, Spencer, Claude Bernard, Marcelin Berthelot, et même Renan et Taine» (Kremer-Marietti, 1985). Porém, a necessidade de estender em direcção à origem, e de prolongar no sentido dos seus descendentes ou repercutentes, para explicar o Positivismo, indicia já uma brecha no monolitismo comtiano.

Já em *The Encyclopedia of Philosophy*, de Paul Edwards Editor, Nicola Abbagnano distingue positivismo social, positi-

vismo evolucionista e positivismo crítico e, a propósito dos primeiros, afirma:

There are two fundamental kinds of positivism: social positivism, with a professedly practicopolitical character, and evolutionary positivism, with a professedly theoretical character. Both share the general idea of progress (...) (1967:415).

Como principais representantes do primeiro aponta Comte e Stuart Mill, do segundo Spencer.

Para se analisar, então, essa diversidade de aspectos há que considerar, por um lado, a componente evolutiva de cada escritor — de que é exemplo o próprio Comte que só nas suas últimas obras leva o seu pensamento ao ponto de dele extrair a ideia duma «religião da Humanidade»; por outro lado, é necessário pensar também no contexto histórico e socio-económico em que os diferentes pensadores se inserem — de que é exemplo Stuart Mill e a sua filiação utilitarista, ou as discordâncias entre Littré<sup>1</sup> e Lafitte ambos discípulos de Comte, ou ainda o evolucionismo spenceriano.

A este propósito é interessante considerar o diálogo que se entretence entre alguns escritores, fazendo emergir as suas divergências. Por exemplo, já em 1865, Stuart Mill (em *Auguste Comte and the Positivism*) acolhe calorosamente a publicação da obra de Comte *Cours de Philosophie Positive* (orientada pelo seu discípulo Littré), uma vez que, segundo ele, antes da publicação da obra comtiana, os termos *positivista* e *positivismo* (entendidos «como símbolos dum modo de pensar reconhecido») eram mais utilizados pelos seus detractores que pelos seus propulsores — o que, mesmo pela negativa, revelava que a sua importância era suficientemente grande para levar quase todos aqueles que discutiam os «grandes problemas da filosofia, ou examinam (...) as crenças do nosso tempo [a terem que tomar] em consideração (...) a concepção positivista» (Mill, 1879: 2). Mas, por outro lado, Stuart Mill não deixa de questionar o pensamento e as concepções comtianas, apresentando detalhadamente as suas discordâncias.

---

<sup>1</sup> É interessante a este propósito considerar a opinião de Stuart Mill que, já em 1865, afirmava que Littré era discípulo apenas do pensamento inicial de Comte, ou seja aquele expresso no *Cours de Philosophie Positive*, e que, mesmo em relação a esta obra, ele podia aperceber-se dos seus pontos fracos (Mill, 1879: 128).

É estranha, de certa forma, a necessidade de se insistir, ainda hoje, na consideração da multiplicidade e diversidade das ideias positivistas. Esta necessidade foi já apontada, há mais de um século, pelo prefaciador da primeira tradução francesa dos *First Principles*, de 1871. Neste texto, E. Cazelles<sup>2</sup> afirma ser um grande equívoco pensar os *positivistas* como uma escola e ligar certos positivistas a Comte, apenas com diferenças de pormenor; pelo contrário, estava-se perante «grandes linhas de doutrinas fundamentais», cujos «pontos de divergência» não podiam ser considerados meros detalhes (Spencer, 1871:LXIII).

2. Assim, pretende-se, com este trabalho, abordar alguns autores com o intuito de observar alguns aspectos dessas divergências. Detenhamo-nos, por agora, em Spencer. Apreciando com certa atenção as teorias de Spencer podemos ver não só a sua peculiaridade de pensamento dentro do positivismo, mas também que, das teorias de Spencer, Eça fez um aproveitamento muito próprio.

Em 1861, Spencer compilou vários artigos que publicou num volume com o título *Education, Intellectual, Moral and Physical*, no qual afirma a necessidade de pensar a educação de *forma racional*, aponta a importância do conhecimento científico para a formação moral, afirma o declínio dos métodos mecânicos, e fala ainda nos novos métodos de educar as crianças: no «'Método natural', nas 'Vantagens da Evolução espontânea' e na 'Educação da faculdades de observação'». Todo um capítulo é dedicado à «Educação física» — contém duras críticas à tradicional educação feminina e fornece indicações sobre a melhor forma de vestir e agasalhar as crianças (Spencer, 1888).

É impossível não pensar aqui nos artigos viperinos d'*As Farpas*, nomeadamente em «As Meninas da Geração Nova em Lisboa e a Educação Contemporânea». No entanto, nesta altura, não é presumível que Eça tivesse conhecimento directo da obra do escritor inglês que apenas foi traduzida, para o francês, em 1878, e para o português, apenas na década de 80. Sabe-se, porém, que esta obra teve um sucesso invulgar, tendo sido até recomendada pelo Ministério da Instrução Pública francês, e, caso invulgar em Portugal, teve, numa década, quatro edições (duas com versão do inglês e duas vertidas da tradução francesa) — o que prova o seu sucesso entre nós.

---

<sup>2</sup> Note-se que E. Cazelles traduzirá também Stuart Mill, tendo, em 1879, traduzido pelo menos seis obras suas.

Quem Eça refere no artigo d' *As Farpas* é Taine<sup>3</sup> que publica, nesse ano de 1872, *Notas sobre a Inglaterra*. Fruto do interesse que certas características da organização da sociedade inglesa exerceram sobre Taine, em diversos períodos que permaneceu em Inglaterra, o autor fala sobre as relações entre o governo e sociedade, no desenvolvimento das manufacturas, mas também dos costumes e modo de vida. Entusiasma-se com a independência, os interesses culturais e profissionais de jovens mulheres (Taine, 1872: 99), não deixando de criticar certa falta de gosto e delicadeza no que diz respeito a modas. Todo um capítulo é dedicado à educação. Subjacente às reflexões de Taine encontramos a comparação: o ambiente, a organização e processo educativo nas escolas secundárias inglesas como contraponto da clausura do sistema francês; a importância concedida ao exercício físico e à livre iniciativa do aluno claramente contrastando com a imposição de um seguidismo obediente do sistema escolar francês. Não se pense, porém, que há em Taine uma mera apologia do sistema inglês, porque também exprime grande desagrado perante certos costumes escolares (como o *fagging* (Taine, 1872: 146) verdadeiramente anti-democráticos, desumanos e ultrapassados. A reflexão desenvolvida neste capítulo vai buscar muita informação a uma obra muito citada de MM. Demogeot et Montucci intitulada *De L'enseignement supérieur en Angleterre* (de 1870) e à obra *Tom Brown*, condenando a mania da muscularidade (Taine, 1872: 149).

Neste sentido, há no texto de Eça apenas o aproveitamento das ideias<sup>4</sup> que servem para criticar o sistema português, defendendo acerrimamente a necessidade de exercício físico tão somente porque ele era pura e simplesmente inexistente em Portugal (sobretudo no que dizia respeito à educação feminina).

Se no caso do textos d' *As Farpas* a influência mais directa é tainiana, não deixa de haver também um eco dum sentimento geral de preocupação com a educação e dum conhecimento ainda que difuso das ideias que grassavam na época a este propósito.

Já no que toca a *Os Maias* a influência de Spencer parece bem mais concreta e assumida, uma vez que o autor é explicitamente referido,

<sup>3</sup> Taine que já havia publicado a obra *Les Écrivains Anglais Contemporains* em 1865.

<sup>4</sup> Prova de que Eça sabia situar a opinião de Taine surge mais tarde, numa carta a Mariano Pina de 7 de Junho de 1885, onde afirma que a Inglaterra é uma «nação pensante, talvez a primeira. Taine disse a segunda... mas Taine era francês».

como esclarece Alan Freeland num artigo intitulado «Evolution and dissolution: Imagery and social darwinism in Eça de Queirós and Leopold Alas». Há muito que vinha sendo recorrentemente apontada a influência de Spencer sobre Eça de Queirós e seus companheiros de geração, mas essa referência mantinha-se sobretudo num plano muito genérico. Alan Freeland mostra, porém, não só a influência, mas a especificidade que ela apresenta pela inversão de sentidos que Eça realiza:

It would be simplistic to suggest that *Os Maias* and *La Regenta* are Spencerian, either in the sense that they imply an optimistic vision of social progress — the reverse is clearly the case — or even in the sense that they show societies in a transient phase of dissolution. Rather, my argument is that in their imagery of degeneration into formlessness these two novels challenge the complacent, optimistic beliefs of contemporary positivism — beliefs in Growth, Evolution, Development, Progress — by inverting them ( Freeland, 1993: 328).

Ora, para realizar esta transformação Eça tinha que ter conhecimento das obras de Spencer, que era, aliás, um autor muito admirado e Eça encontrava-se em Inglaterra desde 1874. Notemos, contudo, que os nossos autores absorviam tudo pela via francesa — como o próprio Eça nos diz em conhecido testemunho —, e, já desde 1871, havia tradução francesa dos *First Principles*, publicados em volume em 1862, apresentando o texto «A lei da evolução» (já tornado célebre porque publicado como ensaio em 1857) e um capítulo dedicado à «Evolução e dissolução» como fases do movimento e da matéria.

Mas, para o intuito deste trabalho, mais interessante é notar que a primeira parte desta obra apresenta um capítulo intitulado «Relatividade<sup>5</sup> de todo o conhecimento» — o que não deixa de ser curioso num teórico conotado com o positivismo, se se entender o positivismo na sua *vulgata* de corrente de pensamento redutora e anquilosada.

É também num sentido relativo que deve ser entendida a posição da estética nas teorias de Spencer.

---

<sup>5</sup> Já em 1861, na sua obra *Education... Intellectual, Moral and Physical*, salientava: «The question is not whether such or such knowledge is of worth, but what is its *relative* worth» (Spencer, 1861: 6, itálico do autor).



A estética tem cabimento dentro da divisão que Spencer estabelece para a actividade humana<sup>6</sup>, mas aparece subordinada ao explícito critério da *utilidade*, secundária<sup>7</sup> em relação à cultura prática que estabelece uma ligação directa com os «deveres». No entanto, Spencer afirma, explicitamente, a grande importância da estética. A imagem de que se serve para situar a estética exprime melhor que todas as palavras o seu entendimento desta problemática, mas tem que ser lida no contexto da sua crítica aos vícios do sistema de educação tradicional:

A florist cultivates a plant for the sake of its flower (...) But while, as an ultimate product, the flower is the thing to which everything else is subordinate, the florist has learnt that the root and leaves are intrinsically of greater importance; because on them the evolution of the flower depends. (...) And here we see most distinctly the vice of our educational system. It neglects the plant for the sake of the flower. In anxiety for elegance, it forgets substance (Spencer, 1861:39).

Assim, apesar de Spencer considerar a estética como o produto final da civilização, ao situá-la no campo da educação, relega-a para uma posição subsidiária, reconhecendo «thus the true position of aesthetica, and holding that while the cultivation of them [the fine arts, *belles lettres*, ...] should form part of education from its commencement, such cultivation should be subsidiary» (Spencer, 1861:39).

3. Se se considerar, agora, alguns aspectos das teorias de Mill, pode ver-se que também elas introduzem matizes importantes no recorte genérico do positivismo.

Enquanto a tradição crítica aponta Stuart Mill como pensador eclético, como um reconciliador de velhas e novas teorias, chegando,

---

<sup>6</sup> O autor estabelece uma ordem hierarquizada da actividade humana: 1.<sup>a</sup> actividades que directamente contribuem para a conservação própria; 2.<sup>a</sup> actividades que, assegurando as coisas necessárias à vida, contribuem directamente para a conservação própria; 3.<sup>a</sup> actividades que têm por fim a educação e disciplina dos filhos; 4.<sup>a</sup> actividades relativas ao nosso procedimento social e às nossas relações políticas; 5.<sup>a</sup> actividades que preenchem o resto da vida, consagradas à satisfação de gostos e sentimentos. (Spencer, 1888: 14)

<sup>7</sup> «However important it may be, it [the aesthetic culture] must yield precedence to those kinds of culture which bear directly upon daily duties. As before hinted, literature and the fine arts are made possible by those activities which make individual and social life possible; and manifestly, that which is made possible must be postponed to that which makes it possible.» (Spencer, 1861: 38).

por vezes, a acusá-lo de pouco original, Frédéric Von Holthoon, numa posição de ruptura em relação a essas leituras, sustenta que Stuart Mill orienta a sua produção de acordo com um bem determinado programa (Van Holthoon, 1971:4) cujas linhas tenta delinear. Segundo este autor, o célebre utilitarismo de Stuart Mill tem que ser compreendido de acordo com a sua definição de utilidade que curiosamente ele relaciona com a noção de homem em progresso (tão cara também aos que professam a «religião» da Humanidade): «I regard utility as the ultimate appeal on all ethical questions; but it must be utility in the *largest sense*, grounded on the permanent interest of a *man as a progressive being*.» (Van Holthoon, 1971:15).

Conhecedor das teorias de Auguste Comte, Stuart Mill apenas se deixa influenciar por certas componentes do pensamento comtiano. Estes dois pensadores, como já foi referido, estabelecem um diálogo que elucida sobre as suas divergências e os pontos de contacto das suas teorias. Mas, se a correspondência mútua é apenas publicada no final do século, em 1899 (*Lettres Inédites de John Stuart Mill à Auguste Comte*, Publiées avec les Réponses de Comte et Une Introduction, ed. L. Lévy-Bruhl, Alcan, Paris, 1899), as divergências entre os dois pensadores eram conhecidas desde a publicação, em 1865, da obra *Auguste Comte and Positivism*, cuja tradução surge alguns anos mais tarde, em França (*Auguste Comte et le Positivism*, 2ème ed., Paris, Librairie Germer Baillière et Cie, 1879).

Nesta obra, Stuart Mill, para além de nos dar a informação preciosa de que Comte é conhecido em Inglaterra sobretudo pelo seu tratado positivista, e, portanto, principalmente pelas obras da sua primeira fase, previne que o seu julgamento das concepções comtianas será diferente no que diz respeito aos escritos dos seus últimos anos:

Au lieu de reconnaître, comme dans le *Cours de Philosophie Positive*, une vue essentiellement saine de la philosophie, avec un petit nombre d'erreurs capitales, nous estimons que c'est dans leur caractère générale que les spéculations subséquentes sont fausses et trompeuses, tandis que, tout à travers cette mauvaises tendance générale, nous trouvons, en détail, une foule de pensées et de suggestions précieuses. (Mill, 1879: 5).

Discordando do isolamento a que se votou Comte como medida de «higiene mental», S. Mill adverte que «qualquer que seja o assunto das suas meditações é necessário que [um espírito pensador] renuncie à pretensão de alcançar toda a verdade; porque é simplesmente impossível que ele possa, mesmo sobre uma questão circunscrita, realizá-lo pela

única força do seu espírito, construindo sobre os fundamentos lançados pelos seus predecessores, sem ser ajudado pelos seus contemporâneos.» (Mill, 1879: 131). Este isolamento leva a uma grande autoconfiança que, na opinião do pensador inglês, no caso de Comte se torna colossal e acima de qualquer termo de comparação. Esta causa, acrescida da excessiva valorização duma assumida influência sentimental feminina, levam a que Stuart Mill considere que as especulações de Comte depois de terem «simplesmente constituído um sistema, sendo quase rigorosamente científicas aspirassem a tornar-se uma religião, tornando-se especulações sentimentais» (Mill, 1879: 133).

De facto, segundo Van Holthoon, para Mill (que afirmara em *On Liberty* que «a luta por meias verdades levaria à acumulação da verdade») mesmo a ideia de *consenso* — no sentido de aceitação de verdades estabelecidas — não só permitia, como suscitava a discussão e crítica das opiniões estabelecidas:

In *On Liberty* Mill assumed that the battle of half-truths would lead to the accumulation of truth. And indeed Mill's idea of consensus — as a hard core of established truths — not only allowed, but invited dispute and critical assessment of established opinions» (Van Holthoon, 1971:115).

O filósofo inglês, analisando o conceito comtiano de religião, enumera as condições necessárias à constituição de uma religião: um dogma ou uma convicção reivindicando autoridade sobre o conjunto da vida humana, um sentimento que se ligue a este dogma e uma possível cristalização objectual de existência real ainda que apenas idealisticamente presente (Mill, 1879:135).

É quase impossível não pensar na carta que Fradique dirige a Guerra Junqueiro, onde advoga que uma religião apenas sobrevive pela ritualização, sentido-se como que um eco transformado destas ideias.

Ora, como chama a atenção Fernando Catroga, é interessante sabermos que Antero, na sua postura crítica, já em 1866 entende as teorias de Stuart Mill integradas de forma peculiar no positivismo, e tinha consciência, no tocante ao posicionamento de Stuart Mill (e outros autores) relativamente a Comte, da existência dum determinado distanciamento crítico quando afirma:

Não creio que o positivismo um tanto estreito de A. Comte, Littré e da última escola francesa nos dê completa a filosofia do futuro. Mas se o alargarmos, segundo o espírito do hegelianismo, a ponto de caber nele a metafísica excluída por Comte (tendência que já se nota em Taine, Renan e

Vacherot e no positivismo inglês de que é chefe Stuart Mill), nesse caso tenho para mim que a filosofia assentará numa base tão sólida, que não será muito aventurar dizer que está achada e definitivamente constituída a filosofia do futuro (*apud*., Catroga, 1994: 572).

Se era quase sempre através das traduções francesas que em Portugal se liam autores ingleses e alemães é curioso pensar que uma das obras principais de Stuart Mill *On Liberty*, de 1859, ia já na 2.<sup>a</sup> edição da tradução francesa em 1864.

4. Se, como se viu, numa visão mais minuciosa de alguns aspectos do positivismo, no que diz respeito à filosofia e à história das ideias se verifica alguma diversidade, no que diz respeito à estética positivista a diversidade é ainda maior, dado que se trata de aplicar uma determinada forma de pensar que já de si apresenta «nuances» diferenciadas. De facto, as perspectivas e orientações sob as quais esta aplicação se realiza podem ser (e são-no concretamente) muito diferentes. Basta pensar no experimentalismo da estética de Fechner tão radicalmente diferente do posicionamento de Taine.

Se sobre a influência dos autores ingleses abordados são escassos os estudos realizados (sendo alguns desses estudos, como o de Alan Freeland, muito recentes), já a influência de Taine em Portugal é frequentemente reconhecida<sup>8</sup>, pelo que se deve conceder uma atenção especial às suas teorias. E, para além do reconhecimento duma influência directa, muitas vezes se indica Taine como fonte de informação sobre outros pensadores.

Esmiuçando este aspecto, é interessante ver a troca de ideias que se estabelece através de comentários críticos de uns autores sobre os outros, os quais vão tecendo uma teia de fios diferenciados com um fundo comum. Se, como acima foi referido, Stuart Mill publica, em 1865, a sua interpretação das teorias comtianas, é também importante considerar que Taine escreve, em 1864, uma obra dedicada ao pensamento de Stuart Mill intitulada precisamente *Le Positivisme Anglais. Étude sur Stuart Mill*. Na primeira parte desta obra Taine expõe as ideias principais do pensamento presentes na obra *A System of Logic* (1857), nomeadamente a inversão («renversement») que as suas teorias originam em termos de metodologia operativa na Lógica, uma vez que «desenvolveu e aperfeiçoou a teoria da indução»,

---

<sup>8</sup> Ver a este propósito o trabalho de Manuel António Pacheco.

como prolongamento dum ideia central — a do saber assente na Experiência (Taine, 1864:106). Na segunda parte, intitulada «Abstracção», Taine contrapõe (em estilo de «plaidoyer» da abstracção) a sua opinião, declarada mais como uma complementação do que como uma oposição: «je tacherai de dire en quoi [votre idée primitive] je la trouve incomplète, et en quoi il me semble que vous mutilez l'esprit humain» (Taine, 1864: 112). Basicamente é esta defesa da abstracção que levará a que, em 1865, Stuart Mill considere Taine um «crítico e metafísico subtil» e afirme que ele é um pensador que procurava um «compromisso» entre a filosofia tradicional e a «escola Positivista» (Mill, 1879: 3).

Compromisso, diferença ou acréscimo, o que quer que seja implica o ir para além da mera atinência aos factos, pelo que Taine se distancia claramente do reducionismo do positivismo mais estreito. A abstracção será a operação que preside às proposições de tipo silogístico, aos axiomas e outros elementos tidos como objecto de estudo da Lógica. Quer no que diz respeito à *definição*, quer no que diz respeito à *prova*, para Taine a resposta não está nos factos, mas «ailleurs» — para além deles, ou melhor, na abstracção que deles se pode fazer (1964: 123, 124). Esclarece também sobre o *modus operandi* desta operação: «il y a donc une opération différente de l'expérience, qui agit par retranchement au lieu d'agir para addition (1864: 118).

Que a 'causa' seja abstracção, como Taine aponta no caso da 'prova', ou que o 'silogismo' vá da causa ao efeito (Taine, 1864:125), já parece mais discutível, por revelar um raciocínio determinístico hoje difícil de aceitar. Taine atribui então à ciência duas grandes operações — a experiência e a abstracção — dois grandes momentos: «le premier est l'effet, le second la cause.» (1864: 134).

Vemos assim surgir a força do estudo das causas. Mas Taine esclarece que as causas não são exógenas aos factos, mas antes se encontram contidas neles (1864:140). Estabelece assim a metafísica como estudo das causas primeiras, mas impondo condições à metafísica para ser considerada (1864:145).

Abrindo aqui um parentesis é lícito perguntar se, com estas reflexões, não estaremos muito longe de Eça. Porém ouçamos o que ele diz no ensaio «O Francesismo»:

O Estado ensinava-me outras disciplinas, entre as quais duas, horrendas e grotescas, que se chamavam, se bem recordo, a *Lógica* e a *Retórica*. Uma destinada a que eu soubesse bem pensar (...) Eu tinha então doze anos. Para eu saber pensar, o Estado e os seus professores forçavam-me a decorar

diariamente laudas de definições, de fórmulas misteriosas, que continham a essência, o segredo das cousas, compiladas do francês, de velhos compêndios da Escolástica. Era terrível! O lente, casmurro e soturno, perguntava:

— Quantos são os impossíveis?

Eu devia papaguear em voz clara:

— Dois. O impossível físico, que o homem não pode fazer, mas Deus pode; por exemplo: ressuscitar. O impossível metafísico, que nem ao homem, nem a Deus mesmo é permitido, como por exemplo, que uma coisa, ao mesmo tempo, seja e não seja!

«Que nem a Deus é permitido!» Havia pois alguma coisa que nem a Deus era permitida? (1911:400).

Este texto revela uma consciência crítica do quanto antiquado eram estes métodos e as feições destas disciplinas, consciência só possível pelo conhecimento de uma forma de os pensar bem mais moderna!

Mas, regressando a Taine e às suas teorias, no concernente aos problemas da estética, esta inclusão da abstracção, permitindo a operação da dedução, é de extrema importância uma vez que abre caminho à apreciação da obra de arte.

Não é só nesta obra que Taine separa, como duas etapas a preencher, a indução e a dedução. Segundo Jean-Thomas Nordmann, Taine desde muito cedo organiza e preconiza deste modo a metodologia crítica artística (por ele adoptada e) a adoptar. Tipograficamente cuidada, esta separação surge logo em 1866, no célebre segundo prefácio dos *Ensaio de Crítica e de História* organizado em duas partes nitidamente separadas numa dualidade que «reprend celle qui sous-tend la théorie tainienne de la connaissance, les deux parties correspondent à la distinction de l'analyse et du système, de l'induction et de l'abstraction d'une part, de la déduction de l'autre, formes et ressorts de la recherche et de l'exposition» (Nordmann, 1992: 86).

Ora, como se disse, já em 1865, Antero tinha consciência que as teorias tainianas não excluía a metafísica, fugindo assim ao reducionismo de certo positivismo.

Portanto, com Taine assistimos ainda mais à relativização do conhecimento pela inclusão da 'dedução' dado o salto intelectual que implica.

5. Esta incursão através de certos cambiantes teóricos do positivismo pode ajudar a aclarar o conhecimento que Eça tinha desta filosofia e a posição eclética que tomou em relação a ela, uma vez que combina criticamente influências diferentes. Já o que se disse sobre a

educação indicam um aproveitamento das ideias do positivismo com o intuito de contrapor ideias novas às mentalidades portuguesas demasiado tradicionalistas. Eça não faz uma mera aplicação, mas uma adaptação parcial e parcializante das teorias positivistas, aproveitando as suas lições de relatividade do conhecimento, pelo que muito cedo começa a fazer emergir nos seus textos determinadas fendas na crença dum positivismo enfeudado e redutor.

É neste sentido que muitas vezes tem sido apontada a não publicação do Texto «Realismo e Idealismo», escrito por Eça para servir de prefácio à publicação da terceira versão do *Crime do Padre Amaro* e que nunca chegou a publicar. A generalidade dos críticos aponta normalmente *Os Maias* como uma obra que representa esta marca da evolução do escritor.

Mas, pode pensar-se que também *A Relíquia* apresenta, a seu modo, os excessos positivistas. A particularidade é que, nesta obra, a fenda na crença positivista emerge pela via da paródia sobretudo através da figura do Dr. Topsius. Ora é reconhecido que o carácter derrogador da paródia implica, de certa forma e apenas em certa medida, a convocação do que se pretende derrogar<sup>9</sup>, pelo que se pode afirmar que ela significa uma atitude crítica em relação ao positivismo, não deixando de o incorporar.

Abruptamente nos é apresentada a figura do Dr. Topsius através do «zumbido científico» (na opinião do ignorante Teodorico) da sua invocação ao deus Phtah, «deus da História» — ramo científico em que labora —, «inspirador da obra de Arte e da obra de Verdade!...» (p. 68). Dr. Topsius ia também à Galileia, mas numa «peregrinação científica» e andava a colher notas para a sua formidável obra, a «História dos Herodes». Mas demorava-se em Alexandria a amontoar os pesados materiais de outro livro monumental a «História dos Lagidas»... Porque estas duas turbulentas famílias, os Herodes e os Lagides, eram propriedade histórica do doutíssimo Topsius» (p. 69).

Mas considere-se que «a sabedoria neste moço era um dom hereditário»:

---

<sup>9</sup> Veja-se o conceito de estatuto híbrido da paródia formulado por Linda Hutcheon — *Uma Teoria da Paródia*, Lisboa, Edições 70, 1989, p. 41; LOPES, Óscar, 1994. «O narrador d' *A Relíquia*» in *A Busca de Sentido. Questões de Literatura Portuguesa* Lisboa, Caminho, 1994, pp. 79-83; SIMÕES, Maria João — «Viagem e inversão — a paródia satírica n' *A Relíquia* de Eça de Queirós», in *Literatura Comparada. Novos Paradigmas*, Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Porto, 1996, pp. 539-549.

... já seu avô materno, o naturalista Shlock, [tinha escrito] um famoso tratado em oito volumes sobre a «Expressão Fisionómica dos Lagartos» e o seu tio, o decrétipo Topsius, o memorável egiptólogo, aos setenta e sete anos, ditou da poltrona, onde o prendia a gota, esse livro genial e fácil — a «Síntese Monoteísta da Teologia Egípcia, considerada nas Relações do Deus Phtah e do Deus Imhotep com as Tríades dos Nomos» (p. 70).

Para além das conotações negativas da acumulação de dados, patentes nas expressões «amontoar», «pesados» e da troca presente na possibilidade de se herdar a apetência de saber, a ciência surge aqui como um conhecimento dum relativismo diminuto. Mais adiante o saber é também considerado como inacessível para o comum dos mortais tão alcandorado se encontra:

... raramente [diz Raposo] compreendia as suas [do Dr. Topsius] sentenças, sonoras e bem cunhadas, tendo a preciosidade de medalhas de ouro; mas, como diante da porta impenetrável de um santuário, eu reverenciava, por saber que lá dentro, na sombra, refulgia a essência pura da Ideia (p. 71).

Paradigmático da ambiguidade paródica e elucidativo do tratamento que é dado ao tema da ciência nesta obra é ainda o episódio do esclarecimento científico da origem botânica da coroa de espinhos. Consultado o «sólido e sapientíssimo Topsius» para responder à dúvida e à «incerteza» do ignorante Teodorico, primeiro, o sábio, numa atitude científica, identifica a espécie pelas suas características morfológicas externas, depois, aludindo à opinião estabelecida sobre o assunto, contrapõe a sua; mas logo a seguir afirma peremptoriamente:

Mas eu vou já aclarar isso, D. Raposo. Aclarar irrefutavelmente e para sempre! (p. 117).

Perde-se o relativismo do saber científico na segurança excessiva deste sábio, e, por extrapolação, do cientista. Mas, no Eça d'A *Relíquia*, o relativismo regressa — regressa transmutado pela ironia e pela sátira como se verifica no remate deste episódio. De facto, como a verdade científica não servisse os interesses do seu amigo:

Então este sagaz filósofo compreendeu que há razões de família como há razões de Estado — e foi sublime. Estendeu a mão por cima da árvore, cobrindo-a assim largamente com a garantia da sua ciência — e disse (...):

— D. Raposo, nós temos sido bons amigos ... Pode pois afiançar à senhora sua tia, da parte de um homem que a Alemanha escuta em questões de crítica arqueológica, que o galho que levar daqui (...) foi o mesmo que ensanguentou a fronte do rabi Jeschoua Natzarieh (...) (p. 120).



**BIBLIOGRAFIA:**

- ABBAGNANO, Nicola — «Positivism» in Paul Edwards (ed.), *The Encyclopedia of Philosophy*, London, New York, Macmilian, Lda, 1967.
- CARVALHO, Joaquim de — [Biblos, 1946], «Evolução da Historiografia Filosófica em Portugal até Fins do Séc. XIX», *Obra Completa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- CATROGA, Fernando — «Política, história e revolução em Antero de Quental» in *Revista de História das Ideias*, Vol. 13, 1991, pp.7-55.
- CATROGA, Fernando — «Os caminhos polémicos da 'geração nova'» in MATTOSO, José — *História de Portugal*, Vol. V, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.
- CAZELLES, E. — «Introduction» in SPENCER, Herbert — *Les Premiers Principes*, Paris, Librairie Germer Baillière, 1871.
- FREELAND, Alan — «Evolution and dissolution: Imagery and social darwinism in Eça de Queirós and Leopold Alas» in *Journal of the Institute of Romance Studies*, 2, 1993, pp. 323-336.
- KREMER-MARIETTI, Angèle — «Positivisme» in *Encyclopaedia Universalis*, Paris, Encyclopædia Universalis, 1985.
- KREMER-MARIETTI, Angèle — *Le Positivisme*, Paris, P.U.F., (Que Sais Je?), 1985.
- MILL, John Stuart — *Auguste Comte and the Positivism*, 1865; *Auguste Comte et le Positivisme*, Paris, Librairie Germer Baillière et Cie, 1879.
- MILL, John Stuart — *La Liberté*, [1859], Paris, Librairie Guillaumin et Cie, Libraires, 1864.
- NORDMANN, Jean-Thomas — *Taine et la Critique Scientifique*, Paris, P.U.F., 1992.
- PACHECO, Manuel António — *Influências de Hippolyte Taine no Pensamento Estético Portugues*, Dissertação de Licenciatura em Filosofia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Porto, Tip. Casa Nun' Alvares, 1969.
- QUEIRÓS, Eça de — *A Capital! (Começos de uma carreira)*, Lisboa, IN-CM, 1992.
- QUEIRÓS, Eça de — *Os Maias*, [1888], Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- QUEIRÓS, Eça de — *A Relíquia*, [1887], Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- QUEIRÓS, Eça de — *Ultimas Páginas (Manuscritos Inéditos) S. Cristovão, St.º Onofre, S. Frei Gil, Artigos Dispersos*, Porto, Livraria de Lello & Irmão Editores, 1911.

VÁRIA ESCRITA

- QUENTAL, Antero de — *Prosas*, Vol. I, II, III, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, 1926, 1931.
- SPENCER, Herbert — *Educação. Intellectual, Moral e Physica*, Versão do Inglês por Emygdio d'Oliveira, 2.<sup>a</sup> ed. Porto, Casa Editora Alcino Aranha & C.<sup>a</sup>, 1888
- SPENCER, Herbert — *Education. Intellectual, Moral and Physical*, London/Edimburgh, Williams and Norgate, 1861.
- SPENCER, Herbert — *Les Premiers Principes*, [Orig. 1862], Paris, Librairie Germer Baillière, 1871.
- TAINÉ, Hippolyte — *Le Positivisme Anglais. Étude sur Stuart Mill*, Paris, Germer Baillière, Librairie-Éditeur, 1864.
- TAINÉ, Hippolyte — *Notes sur l'Angleterre*, Paris, Librairie Hachette et Cie, 1872.
- VAN HOLTHOON, Frédéric L. — *The Road To Utopia. A study of John Stuart Mill's Social Thought*, (Dissertação de Doutoramento apresentada à Rijksuniversiteit te Groningen), Groningen, Van Gorcum & Comp. N. V.- Dr. H. J. Prakke & H. M. G. Prakke, 1971.



*Eça no jardim de Neuilly*



*Desenho para a capa do primeiro número de As Farpas*